

.....

O presente artigo tem como objetivo discutir os dados levantados em uma pesquisa sobre o processo de orientação sexual desenvolvido pelo Centro de Saúde Especial da Criança e do Adolescente em escolas públicas municipais de Campo Grande, MS, do qual participaram adolescentes, pais, mães e responsáveis dos alunos e educadores. A pesquisa teve como objetivo avaliar o projeto, bem como detectar as principais dificuldades da vivência da orientação sexual nos olhares dos atores que dele participaram e avaliaram. O pressuposto teórico de análise dos dados foi o da Relação de Gênero, proporcionando entender como a sexualidade é vivenciada de forma diferenciada por meninos e meninas. Enquanto a visão dos meninos é mais genitalizada, as meninas projetam uma visão mais romântica, muito baseada na cultura dominante.

Palavras-chave: Orientação sexual na escola e centro de saúde;
Relações de Gênero.

This article aims at discussing data collected in research on the process of sexual orientation developed by the Centre of Special Child and Adolescent Health in municipal public schools in Campo Grande (MS), with the participation of adolescents, fathers, mothers, those responsible for student and educators. The research project aimed at evaluating the project as well as at detecting the principal difficulties in experiencing sexual orientation from the standpoint of the actors who participated and evaluated it. The theoretical presupposition of analysis was that of Gender Relations, permitting comprehension of how sexuality is lived in different forms by boys and girls. While the boys' vision is more genitalised, that of the girls is much more romantic: something that does not cease to be a part of the dominant culture of our times.

*Keywords: Sexual orientation in schools and health centres
Gender Relations*

Orientação Sexual na Escola e no Centro de Saúde Uma Experiência Possível

Constantina
Xavier Filha

Professora Mestra do
Departamento de Educação
do Centro de Ciências
Humanas e Sociais da
Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul.

O Mundo Seria Melhor

(Poema coletivo produzido
por um grupo de adolescentes)

“O Mundo seria melhor se...
Não existisse preconceito na sociedade
Seria melhor se não existisse doenças e outros tipos de
contaminação.
Se não existisse guerra entre os países, em famílias, bairros...
Se não existisse prefeito ladrão.
Se não existisse tragédias e nem tristeza,
Só alegrias...
Se não existisse o vírus da AIDS.
O Mundo não poderia ser melhor, porque não nos conscientizamos
Que nós é que fazemos o Mundo.
O mundo seria melhor se a sociedade não fosse tão preconceituosa
com pessoas portadoras do vírus da AIDS, fazendo com que elas
fiquem presas e sintam medo de enfrentar a sociedade.
Seria melhor se não tivesse discriminação...
Seria melhor se todos tivessem consideração com todos e
Amar ao próximo e a vida.
O Mundo seria melhor
Se todas as pessoas soubessem valorizar suas VIDAS.”

O presente poema foi produzido por um grupo de
adolescentes, com idades entre 13 e 20 anos, que
participavam do Projeto de Orientação Sexual reali-
zado pelo Centro de Saúde Especial da Criança e do

Adolescente, da Secretaria Municipal de Saúde do Município de Campo Grande (MS). A metodologia para a construção do poema consistiu em lançar a idéia e o tema e, cada componente do grupo, ia completando-o com palavras ou frases, como num bordado e, pouco a pouco, a rede ia se tornando maior e mais concisa, ganhando colorido e con-

Há um jogo de empurra entre as instituições, e o adolescente fica neste "fogo cruzado" com dúvidas, conflitos e ansiedades nas suas relações amorosas e nas primeiras vivências sexuais.

teúdo a partir das concepções dos adolescentes de como o mundo deveria ser melhor. Percebemos que esse poema suscita várias discussões como: preconceito social; guerras na humanidade; corrupção na política; falta de conscientização das pessoas; discriminação social; preconceito contra pessoas portadoras do HIV. Comprovamos, que a semente da crítica para um mundo melhor foi plantada nas mentes e corações desses jovens, com as atividades do referido projeto.

Este artigo tem por objetivo apresentar os dados da pesquisa que buscou avaliar o Projeto de Orientação Sexual desenvolvido pelo Centro de Saúde Especial da Criança e do Adolescente em escolas públicas municipais, bem como, detectar os vários olhares das pessoas que participaram, direta ou indiretamente, das ações do projeto como: pais e mães dos adolescentes, educadores e os próprios adolescentes.

Muito se tem perguntado e discutido sobre a sexualidade do/a adolescente. Os altos índices de gravidez indesejada, o contágio de doenças sexualmente transmissíveis, entre elas a AIDS, a desinformação, a falta de diálogo com a família, a influência da mídia, entre outros, são aspectos importantes que permeiam a vivência da sexualidade dos

adolescentes. Diante dessa realidade, percebemos a urgente necessidade de uma ação educativa que possa auxiliá-los e orientá-los. Quem pode oferecer tais ações? A família? A escola? As instituições de saúde? Quem deverá assumir esse papel?

Essa responsabilidade deveria ser de todos: família, escola, instituições de saúde, mídia, enfim, da sociedade em geral. Mas não é isso o que ocorre na realidade. Há um jogo de empurra entre as instituições, e o adolescente fica neste "fogo cruzado" com

dúvidas, conflitos e ansiedades nas suas relações amorosas e nas primeiras vivências sexuais. Nossa experiência com adolescentes, nos trabalhos de orientação sexual, nos mostra que não há um diálogo franco e aberto entre os adolescentes e suas famílias. Os pais e mães, que participaram dos projetos, salientam a dificuldade de falar em sexualidade com seus filhos, principalmente com as filhas, porque há o medo da informação levar a um incentivo ao ato sexual. Então, como ficam os nossos adolescentes? As escolas e centros de saúde estão preparados para desenvolver a orientação sexual?

Na concepção de Xavier (1998), a escola e todas as instituições sociais, de maneira informal, desenvolvem educação sexual, seja do silêncio ou da repressão, mas há sempre uma educação sexual. Nos centros de saúde a ação nem sempre é educativa, mas, assistencial. As informações repassadas por essas instituições (escola, família e centro de saúde) são quase sempre dicotomizadas, distorcidas ou somente ligadas ao aspecto biológico, fazendo com que os aspectos afetivos, psicológicos, sociais e culturais sejam relegados a segundo plano.

Faz-se necessário, nessa nossa discussão, entender melhor dois termos que

são muitas vezes usados como sinônimos: educação sexual e orientação sexual.

A educação sexual é um processo de vida inteira, em que a família é a primeira agência educadora. De acordo com Suplicy et alii (1995): “o contato cotidiano da criança com os pais, o processo de socialização que se segue, a influência da mídia e dos grupos sociais – faz parte da educação sexual. A educação sexual, portanto, é um processo de vida, que permite ao indivíduo se modificar, se reciclar ou não, e só termina com a morte”. Além do mais, a orientação sexual é um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher as lacunas de informação, erradicar tabus e preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos. À orientação sexual cabe também propiciar uma visão mais ampla, profunda e diversificada da sexualidade. Esse trabalho pode ocorrer em ambientes tais como centros de saúde, comunidades de base, entre outros. Um espaço privilegiado é certamente a escola, já que a orientação sexual é uma intervenção pedagógica que favorece a reflexão mediante a problematização de temas polêmicos. Orientação sexual, também, é designada como a orientação adotada pelos seres humanos seja ela: hetero, homo ou bissexual.

Diante da discussão da educação e orientação sexual, percebemos, então, que a primeira é um processo de vida inteira, e a segunda é um processo sistematizado que visa a discussão a respeito da sexualidade.

Nos dias atuais, a orientação sexual vem sendo mais amplamente discutida nas escolas, em virtude das sugestões de ação propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, documento do Ministério da Educação, que traz num

de seus temas transversais, a orientação sexual a ser discutida no interior das diversas disciplinas escolares. Mas, a nossa experiência nos contextos escolares, mostra que essas propostas continuam no papel. Há dificuldade de se discutir esse assunto nas escolas, contudo, vislumbramos maior abertura por parte de alguns professores, para abordar o tema com seus alunos.

Voltamos à nossa questão primordial, já citada anteriormente: quem deverá ser responsável pela orientação sexual para os adolescentes?

Já dissemos que a orientação sexual deveria ser responsabilidade da sociedade como um todo, mas percebemos que existe mais uma “deseducação” do que uma educação propriamente dita. Pensando nessa problemática, de oferecer momentos de orientação sexual para adolescentes, proporcionando um espaço de discussão sobre a sexualidade nas escolas e centros de saúde, foi idealizado o Projeto Nacional de Orientação Sexual produzido por uma Organização Não Governamental, o Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS). Essa ONG desenvolveu esse projeto nacional em 07 capitais brasileiras, dentre elas, Campo Grande. O

Diante da discussão da educação e orientação sexual, percebemos, então, que a primeira é um processo de vida inteira, e a segunda é um processo sistematizado que visa a discussão a respeito da sexualidade.

projeto contou com o apoio do Programa Nacional de DST/AIDS, do Ministério da Saúde e da Fundação MacArthur.

O projeto nacional tinha como objetivo capacitar e supervisionar profissionais da educação e saúde para desenvolverem grupos de orientação sexual com adolescentes nas suas respectivas instituições. Em Campo Grande, o projeto teve a duração de um ano, 1994 a 1995, com duas fases complementares:

a primeira composta por orientadoras educacionais e alguns profissionais da saúde; na segunda fase alguns professores e supervisores escolares foram incluídos no grupo. Após o término do projeto, as ações educativas junto aos adolescentes tiveram continuidade em ações esporádicas nas escolas e um caráter permanente durante mais dois anos no Centro de Saúde Especial da Criança e do Adolescente. A equipe multiprofissional do referido centro de saúde era composta por uma psicóloga, uma assistente social e uma pedagoga. O trabalho específico dessas profissionais era desenvolver e coordenar um trabalho educativo com adolescentes nas escolas municipais.

As ações desenvolvidas durante o projeto, pelas profissionais do centro de saúde, foram alvo da pesquisa por nós realizada que subsidiaram dados para este artigo.

1 - O Projeto no Centro de Saúde

O Centro de Saúde Especial da Criança e do Adolescente, hoje, Centro de Atendimento ao Escolar, era um local

A equipe multiprofissional do referido centro de saúde era composta por uma psicóloga, uma assistente social e uma pedagoga.

específico de atendimento às crianças e adolescentes, estudantes das escolas municipais. O projeto de Orientação Sexual nesse centro foi desenvolvido, num primeiro momento, com grupos de adolescentes das escolas circunvizinhas. Os adolescentes vinham ao centro de saúde e, além de participarem do grupo de orientação sexual, tinham à sua disposição uma ginecologista para possíveis orientações, exames e consultas. Num segundo momento, baseando-se em pro-

posta do Ministério da Saúde, o trabalho no centro de saúde se reestruturou a fim de atingir um número maior de adolescentes. Então, foram formados grupos de adolescentes monitores de atividades educativas.

O projeto passou a ser desenvolvido em escolas municipais e, em cada uma delas, uma profissional do centro de saúde ficava responsável pela coordenação e supervisão das atividades de um grupo de monitores, junto aos outros alunos da escola. Era também função dessa profissional, capacitar o corpo docente da escola e fazer reuniões com pais e mães de todos os alunos. O projeto tinha a duração, em média, de um semestre em cada escola.

O referido projeto consistia de várias etapas, desde o engajamento da escola para que as atividades pudessem ser desenvolvidas, até as ações propriamente ditas, que foram:

- A equipe pedagógica da escola, junto aos seus professores, selecionava entre 10 a 20 adolescentes para serem os monitores. Eram repassados para o corpo docente dois critérios básicos para seleção dos alunos, que seriam: desejo por parte do adolescente em participar do projeto como monitor e disponibilidade em repassar os temas discutidos para os demais colegas da escola.

- Os pais desses alunos selecionados assinavam um documento aceitando que ele participasse como monitor do projeto. Também, o restante dos pais e mães eram convidados a participar de uma reunião para apresentação do projeto e posterior autorização escrita para que seus filhos participassem dos repasses das informações pelos monitores.

- No centro de saúde era realizada uma mini-oficina inicial de 20 horas/aulas, ministrada pela profissional do referido centro, responsável por aquela

equipe. Os adolescentes se deslocavam da escola de origem até o centro de saúde, com um veículo da secretaria municipal de saúde.

- O grupo de monitores era, também, capacitado em encontros semanais ou quinzenais realizados no centro de saúde. Esses encontros tinham como objetivo dar continuidade às discussões sobre os temas da sexualidade sugerido por eles, e planejar as atividades de repasse.

- O repasse nas escolas se dava de acordo com os temas sugeridos pelos demais alunos da escola. A partir daí, os monitores realizavam as atividades que iam desde dramatização, até mini-oficinas, mini-aulas, jogos, brincadeiras, sempre com um caráter educativo e que discutissem as questões da sexualidade na adolescência.

A metodologia do projeto de Orientação Sexual, utilizada com os adolescentes monitores era a mais dinâmica possível. Dinâmicas de grupo, discussão, debates, trabalho com o corpo, entre outras, que propiciavam a participação efetiva dos adolescentes fazendo com que eles refletissem sobre suas inquietações, conflitos, preconceitos e valores recebidos da família e da sociedade em geral. Dentre as atividades desenvolvidas nesses encontros, citamos: desenhos individuais e coletivos; dramatizações e teatros com ou sem fantoches; produção de textos, poemas, poesias e paródias; trabalho com música, dança e interpretação de letras musicais; discussão de vídeos educativos; gincanas e atividades que possibilitavam a erotização da camisinha, entre outras. Em todas essas atividades, os assuntos discutidos e estudados, eram escolhidos pelo grupo de adolescentes monitores. No entanto, o projeto seguia as orientações do GTPOS, em que os assuntos discutidos deveriam conter três temas de forma

interdisciplinar: corpo, relações de gênero e contágio de doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a AIDS.

Já as atividades realizadas pelos monitores para os outros colegas da escola, também seguiam o caminho da

O projeto de Orientação Sexual desenvolvido pelo Centro de Saúde Especial da Criança e do Adolescente atingiu o objetivo de propiciar um espaço de discussão junto aos adolescentes.

metodologia adotada pelo projeto. Dentre as atividades desenvolvidas, citamos: apresentação de teatros e dramatizações; confecção de cartazes e murais educativos que tentavam responder as perguntas anônimas dos alunos nas caixinhas de perguntas; mini-oficinas em sala de aula; confecção e produção de informativos e jornaizinhos educativos; feira de assuntos ligados à sexualidade; apresentações musicais e de poesias sobre os temas estudados; concurso de poesia, redação e paródias; encontro com ginecologista, entre outras. O grupo mostrava-se muito motivado em cada atividade realizada, discutindo e refletindo assuntos que, até então, não era tema de escola.

2 - A Pesquisa

O projeto de Orientação Sexual desenvolvido pelo Centro de Saúde Especial da Criança e do Adolescente, com a duração de três anos, atingiu o objetivo de propiciar um espaço de discussão junto aos adolescentes tanto na escola como no centro de saúde. E todos os seus dados foram resgatados pela pesquisa aqui relatada, que teve como propostas avaliar o projeto, bem como o processo de orientação sexual desenvolvido nas escolas, detectando as principais dificuldades vividas nesse processo, tentando captar os vários olhares dos atores que dele participaram:

pais e mães, educadores, profissionais do centro de saúde e adolescentes envolvidos.

Partindo dessas premissas, esse estudo procurou entender como a orientação sexual seria possível e quais os entraves desse processo em dois ambientes distintos: a escola e o centro de saúde. Conhecer melhor essa problemática, também nos permitirá inferir a quem cabe o papel de orientar sexualmente adolescentes e jovens, possibilitando elaborar novas ações educativas que possam favorecer a discussão e re-

centes, sua espontaneidade e seu jeito de ser. A preocupação de que as respostas e opiniões dos adolescentes fluíssem de forma lúdica e não convencional, permitiu-nos obter os dados mais facilmente, sem rejeição, algo que poderia não ocorrer se adotássemos tipos convencionais de pesquisa, por se tratar de uma clientela que vivencia uma fase marcada por contestações.

- Foram levantados dados em relatos efetuados pelas profissionais do centro de saúde e das avaliações escritas dos envolvidos nas suas respectivas escolas.

- Foram realizadas reuniões mensais com as referidas profissionais para levantamento de dados e opiniões sobre as ações do projeto. No final da

pesquisa de campo, foi realizada uma entrevista grupal para que as mesmas avaliassem o projeto.

A concepção teórica que norteou a análise dos dados foi o das Relações de Gênero. Sabemos que o processo de construção de seres sexuados é diferenciado para homens e mulheres. É a sociedade que estabelece normas rígidas de como a masculinidade e a feminilidade devem ser vividas. Em relação à sexualidade isso não poderia ser diferente. A sexualidade feminina é construída diferentemente da masculina. Menina deve se conter sexualmente, ser mais passiva e submissa em relação à sexualidade do que os meninos, que têm que se mostrar ativos e mais experientes.

Analisar na perspectiva das Relações de Gênero, faz-se necessário entender, basicamente, a relação do biológico com o social. Saber que homens e mulheres são diferentes biologicamente é saber o óbvio. São diferentes e não desiguais, como historicamente a sociedade tenta incutir nas relações entre os gêneros masculino e feminino. Essas relações são

A concepção teórica que norteou a análise dos dados foi o das Relações de Gênero. Sabemos que o processo de construção de seres sexuados é diferenciado para homens e mulheres.

flexão sobre a vivência da sexualidade nessa fase da vida humana.

Essa pesquisa girou em torno das atividades do projeto e das produções dos adolescentes e, conseqüentemente, dos demais participantes do projeto. A coleta de dados se deu da seguinte forma:

- No decorrer das atividades, foi realizado um trabalho de observação e registro de todas as atividades desenvolvidas com os adolescentes monitores e seus respectivos repasses, bem como, as atividades realizadas pelas profissionais do centro de saúde, tais como: reunião de pais; trabalho com os educadores; palestras informativas e trabalho de supervisão das atividades junto aos adolescentes.

- Os debates e discussões nos grupos de adolescentes foram eventualmente gravados e todas as produções das oficinas e encontros dos adolescentes serviram como dados. A escolha desse tipo de coleta de dados se deve ao fato de considerarmos que é de fundamental importância que sejam respeitados os meios de expressão dos próprios adoles-

construídas no social, onde homens e mulheres são socializados e recebem uma carga cultural dos valores considerados como “verdade” naquela sociedade. Nessa perspectiva de gênero, é fundamental, também, entender as relações de poder que são postas nas relações entre homens e mulheres. Ao homem cabe a maior parcela de poder do que às mulheres, que também o possui, mas, ainda, em proporção menor.

Vários dados foram coletados durante a pesquisa, propiciando-nos uma riqueza de detalhes sobre o projeto. A seguir, analisaremos alguns mais significativos que englobam o projeto como um todo e, em seguida, analisaremos os diversos olhares dos envolvidos com o projeto: os educadores; os adolescentes; os pais e mães e as profissionais do Centro de Saúde.

O primeiro dado importante obtido refere-se à possibilidade de realização de parceria entre as instituições que atuam com crianças e adolescentes, cada qual realizando suas ações educativas diante da sexualidade, no caso específico: a escola e o centro de saúde. O projeto realizado no centro de saúde e repassado pelos adolescentes nas escolas, propiciou um importante espaço de discussão sobre a sexualidade humana para essa parcela da sociedade, sempre alvo de desinformações e conflitos. No entanto, não houve engajamento por parte da maioria dos educadores das escolas envolvidas. Em muitas delas, os professores se mostraram omissos, passivos e, até mesmo, agressivos diante das profissionais do centro de saúde e mesmo dos adolescentes monitores, exigindo constantemente atitudes exemplares dos mesmos. Houve um caso, numa das escolas, em que a profissional do referido centro de saúde foi denunciada pelos professores para a Secretaria de Edu-

cação, sendo acusada de incitar o interesse sexual nas crianças. Isso por causa de uma ação educativa dos monitores que consistia em responder cientificamente as perguntas anônimas dos alunos a respeito da sexualidade. Essas respostas foram pesquisadas e depois expostas em um mural denominado: Mural da Sexualidade. A sugestão da escola foi de que o mural fosse colocado bem no alto para que os menores não pudessem vê-lo. Dessa maneira, o local que deve ser relegado aos assuntos ligados a sexualidade, é bem no alto, para que todos tenham pouca visão dos assuntos solicitados. Em outros termos, e nesse caso específico, a escola não é um espaço profícuo de discussão sobre o assunto.

Um fato curioso que ocorreu no desenvolver do projeto foi uma cobrança excessiva por parte dos professores para com os adolescentes monitores. Deles/as foram cobradas atitudes maduras, notas altas e que eles, deveriam ser exemplos na escola. Essas cobranças acabaram revelando, por parte de alguns/as educadores/as, a não aceitação do projeto e também uma certa forma de “punir” os adolescentes que estavam participando, discutindo e mexendo com um ponto nevrálgico: o da sexualidade na escola.

No entanto, não houve engajamento por parte da maioria dos educadores das escolas envolvidas. Em muitas delas, os professores se mostraram omissos, passivos e, até mesmo, agressivos...

Essa reação por parte do corpo docente da escola é explicável. Primeiramente porque o assunto sexualidade é carregado de tabus e preconceitos. Segundo, esse sempre foi um assunto renegado no contexto escolar. Cabia à escola ensinar sobre os aparelhos reprodutores masculino e feminino nas aulas de ciências e, quando possível, a

realização de palestras esporádicas com médicos sobre o assunto. O projeto, então, levou para dentro da escola temas que de certa forma desestabilizaram a aparente calma relacionada à sexualidade. Aparente, porque sabemos que todas as instituições, inclusive a escola, são constituídas de seres sexuados, que estão constantemente trocando informações afetivas, perguntando, respondendo, duvidando, enfim, querendo se expressar e discutir sobre algo que lhe é inerente: a sexualidade. A escola, no entanto, é um local ideal para essa troca, porque nela se encontram adolescentes que estão vivenciando sua sexualidade, tendo suas primeiras experiências sexuais, seus amores e paixões.

Um terceiro dado obtido refere-se ao potencial educativo dos adolescentes como monitores. É na turma dos iguais, que o diálogo flui com mais naturalidade, e essa linguagem de adolescente para adolescente facilita a reflexão sobre as suas vivências sexuais e a tomada de atitudes mais pensadas, vindo a mudar comportamentos, adotando outros de auto-cuidado diante da sua sexualidade. Os adolescentes possuem um potencial indescritível e com as atividades realizadas, souberam utilizá-lo e

videz entre as adolescentes monitoras. Esses fatos foram analisados pela equipe multiprofissional, ressaltando o impacto na mudança ou não, por parte dos adolescentes diante da prevenção. Isso nos faz refletir que o processo de educação sexual é lento, durante toda a vida. Portanto, é difícil avaliar se esses adolescentes vão ter atitudes de prevenção em todas as suas relações sexuais. O que é visível, no entanto, é a mudança comportamental e de nível de informação do início do projeto para o seu final. O grupo tornou-se mais maduro e as informações mais ligadas ao aspecto científico, do que ao senso comum, trazidos pela maioria, no início dos trabalhos. Muitos adolescentes mostraram-se mais desinibidos e com a auto-estima mais elevada devido à importância atribuída ao seu papel de monitor diante dos professores e colegas da escola. Esses monitores tornavam-se referência na escola para informarem sobre serviços de saúde e informações ligadas à sexualidade na adolescência.

A falta de vontade política para a continuação do projeto foi outro importante dado levantado. O projeto após três anos de funcionamento veio a finalizar. As alegações foram várias, mas nenhuma com consistência. Foi alegado que com a mudança do público alvo do centro de saúde, antes de crianças e adolescen-

tes, agora para atender somente crianças, não havia a possibilidade de continuação de um projeto que atendesse aos adolescentes. Outra alegação era de que poucos alunos eram atingidos. Como, então, atingir uma massa de adolescentes em curto espaço de tempo? Como realizar um trabalho de orientação sexual com palestras esporádicas, evidenciando e corroborando uma prática comum de prevenção, quando pou-

A falta de vontade política para a continuação do projeto foi outro importante dado levantado. O projeto após três anos de funcionamento veio a finalizar.

canalizá-lo para atividades educativas, propiciando a mudança de seus próprios comportamentos e atitudes ao sentirem-se úteis e importantes diante do grupo de colegas.

Não sabemos até que ponto essas informações obtidas e refletidas no projeto, mudaram efetivamente as atitudes dos adolescentes diante da sexualidade. No decorrer do desenvolvimento do projeto, houve casos isolados de gra-

cos objetivos são atingidos? As profissionais que foram capacitadas e que tinham vasta experiência na área não foram remanejadas para outros programas de atendimento aos adolescentes.

Esses e outros dados vão ser melhores analisados ao penetrarmos nos olhares dos participantes do projeto, tanto dos adolescentes monitores, como dos/as educadores e dos pais e mães dos alunos, pois pudemos obter opiniões e concepções acerca dos temas estudados, que foram dados preciosos para a pesquisa. A seguir dividiremos as diversas concepções e olhares dos envolvidos.

2.1 - A Visão dos/as Educadores das Escolas

O objetivo de obter dados dos/as educadores/as das escolas pautava-se em alguns questionamentos, dentre eles: quais as dificuldades que os educadores têm ao vivenciarem o Projeto de Orientação Sexual na escola?; quais os principais “problemas” que os educadores enfrentam em relação à sexualidade dos alunos e, principalmente, na avaliação e no engajamento ou não, no projeto? Esses olhares dos educadores serão explicitadas nesta parte do texto.

Os/as educadores/as em geral dizem que não se sentem preparados para trabalhar e lidar com a sexualidade dos/as alunos/as na escola. Muitos desses/as educadores/as aprovaram as atividades que foram realizadas no projeto, no entanto, a adesão maior foi dos/as que atuam nas classes de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental. Os que atuavam nas classes de 1ª a 4ª séries, quase sempre não aderiram por acreditarem que essas atividades poderiam incentivar os seus alunos ao ato sexual. Há uma crença, por parte dos educadores que atuam nessa fase do ensino funda-

mental, que na infância não existe sexualidade e todas as manifestações, entre elas a curiosidade por assuntos ligados à sexualidade, são reservados para os alunos que estudam após a 5ª série. O medo de instigar ao ato sexual

Há uma crença, por parte dos educadores que atuam nessa fase do ensino fundamental, que na infância não existe sexualidade...

é uma constante nos discursos de educadores, pois isso se confunde com sua própria educação sexual, que quase sempre foi a do silêncio e da repressão. Essa idéia de incentivo ao ato sexual para as crianças, deve-se ao fato do desconhecimento da sexualidade infantil, como uma fase da vida humana em que há muitas manifestações sexuais, tais como: curiosidade, dúvidas, perguntas, toques, masturbações, que independem de incentivo ou mesmo de fatores externos para despertar essas crianças para a sexualidade, já que é algo inerente ao ser humano desde antes do seu nascimento até a sua morte. Suplicy et alii (1995), a respeito deste assunto, salienta que especialistas afirmam o contrário: quem recebeu orientação correta, na hora de praticar o sexo, o faz com muito mais responsabilidade e com maior possibilidade de usufruir o prazer. Algumas pesquisas apontam uma tendência ao adiamento da prática sexual entre alunos que freqüentaram um programa de Orientação Sexual. Então, essas concepções são contrárias, à idéia de que a informação correta pode incitar a curiosidade e o ato sexual.

Como já observamos, houve casos de professores que não se engajaram no projeto, outros foram indiferentes e muitos, às vezes, agressivos. Essas atitudes, no entanto, são muito significativas, pois traduzem a dificuldade que um assunto dessa natureza pode trazer

para o interior da escola. Os professores que mais aderiram ao projeto foram os de Ciências, que atuam de 5^a a 8^a séries, e os que tiveram mais dificuldades de adesão foram os de Matemática e Português. Isso encontra respaldo na própria história da educação sexual, em que a responsabilidade foi delegada aos médicos das áreas biológicas e, na esco-

Essa educação castradora se estende para a escola, que também cumpre com o seu papel educativo dizendo, implícita e explicitamente, que sexo é pecado e é algo proibido.

la, aos professores de Ciências, com ênfase na perspectiva biologizante, como explica Werebe (1981), “por isso mesmo, os médicos eram (e ainda são) considerados os detentores do saber, nesse campo. Compreende-se assim por que, na escola, se atribui freqüentemente aos professores de biologia a educação sexual, em conseqüência, fica limitada às informações biológicas da vida sexual, com a omissão de seus aspectos psicológicos. Sem dúvida alguma, essa forma de educação sexual é repressiva, na medida em que oferece aos educandos uma visão falsa, parcial e incompleta da sexualidade” (In Bruschini, 1981:110).

As ações conservadoras e opressoras de muitos/as educadores/as se explicam na própria educação sexual que receberam, como já fora dito anteriormente. Num dos encontros realizados na escola, durante as dinâmicas, as educadoras relataram que a educação recebida foi originada em proibições; sexo só deveria ocorrer após o casamento, e tudo o que se relacionava à sexualidade era discutido num ambiente de silêncio fora de casa com amigas. Havia medo de se falar sobre esse assunto com os pais, enfim, uma educação em que imperava a falta de diálogo, o excesso de silêncio e de proibições, principalmente para as

mulheres, evidenciando, assim, uma educação castradora, esperando posturas e maneiras diferentes de se comportar para meninos e meninas. Essas formas estereotipadas e rígidas impedem que as pessoas se comportem e vivam suas vidas em plenitude, pois há um duplo padrão moral, em que o homem tem liberdade sexual e a mulher a possui pela metade. Essa educação castradora se estende para a escola, que também cumpre com o seu papel educativo dizendo, implícita e explicitamente, que sexo é

pecado e é algo proibido. Toda essa construção da sexualidade, principalmente para as mulheres, tem um forte impacto na função de educadoras, muitas vezes reproduzindo os preconceitos e tabus diante dos/as alunos/as, ou mesmo não aceitando o projeto, como forma de não se verem como seres sexuados, ou repensando a sua sexualidade.

Mesmo com essa educação reprimida que muitos educadores tiveram e continuam repassando no contexto escolar, a maioria deles fizeram uma boa avaliação do projeto. No final das atividades foi solicitado que os educadores avaliassem, por escrito, o trabalho desenvolvido. As respostas obtidas deram um panorama da ação como um todo. Os professores salientaram que o projeto atingiu os seus objetivos no que tange ao esclarecimento dos alunos, com adoção de uma metodologia que se utilizou de uma boa comunicação e de um linguajar acessível aos jovens, lançando mão de muita criatividade e informações corretas aos alunos. Nos pontos negativos levantados, destacaram que houve pouco tempo de duração nas escolas. Salientaram, ainda, a falta de recursos e pouco espaço nos estabelecimentos de ensino para a realização das atividades.

Alguns professores ressaltaram a pouca participação de sua categoria no

projeto. É interessante e até mesmo contraditório, os próprios educadores se queixarem da falta de participação de seus iguais. Concordam, segundo eles, que se houvesse envolvimento do professor o trabalho fluiria melhor e o projeto poderia atingir os objetivos na sua íntegra. Isso evidencia que há professores sensibilizados para ações de orientação sexual nas escolas. Essa sensibilização mostra-se fundamental para que ocorram práticas de formação contínua sobre temas como sexualidade na escola.

Um aspecto relevante da avaliação dos educadores foi em relação ao rendimento escolar dos alunos monitores do projeto. Os professores deram as seguintes justificativas:

“O rendimento dos alunos melhorou, principalmente em relação à maturidade, alguns alunos perceberam a importância da aprendizagem, não por questões de notas e sim de conhecimento”. (professora)

“Alguns até então tímidos, se soltaram e melhoraram bastante” (professor).

“Melhorou, porque propiciou um grau de responsabilidade e de dinamismo, os adolescentes se sentiam úteis e envolvidos no projeto” (professora).

“Acredito que o rendimento dos alunos tenha melhorado, já que pelo menos uma parte do que gera seus conflitos foi amenizada, que é a questão da sexualidade na adolescência” (professora).

Podemos observar nos relatos dos educadores que houve uma mudança significativa tanto no rendimento escolar como no comportamento dos adolescentes monitores. Esses adolescentes passaram a se sentir úteis e importantes diante dos demais colegas da escola, facilitando a aprendizagem no momento que se sentiam mais confiantes e com os conflitos amenizados. Suplicy et alii (1995) corrobora com essa premissa, quando assegura que a aprendizagem em seu conjunto é facilitada mediante a redução da angústia e agressividade, po-

dendo até gerar a melhoria do rendimento escolar. Assim, “as aulas de Orientação Sexual podem propiciar transformação nos relacionamentos pessoais, aumento na afetividade e naturalidade na troca de idéias, bem como o respeito pela diversidade”, assegura a autora.

2.2 - O Olhar dos/as Adolescentes Monitores e Demais Alunos/as das Escolas

Quando os adolescentes monitores chegavam ao trabalho no centro de saúde, traziam muitas informações incorretas em relação à sexualidade, além de muitos preconceitos e tabus, que foram se diluindo no decorrer do projeto. O objetivo das atividades desenvolvidas não era dizer o que é certo ou errado acerca da sexualidade humana, mas fazer com que todos pensassem e refletissem sobre os valores recebidos, e se eles contribuíram para que meninos e meninas pudessem viver a sua sexualidade de maneira prazerosa e feliz. A função da coordenadora e facilitadora do centro de saúde era a de fomentar discussões e repassar informações de cunho científico.

Os adolescentes, no início das atividades, chegavam com uma visão imbuída de sexo ligado à genitalidade, ou seja, “sexo é transar”. Essa é a concepção

Os adolescentes, no início das atividades, chegavam com uma visão imbuída de sexo ligado à genitalidade, ou seja, “sexo é transar”.

que traziam, diga-se de passagem, totalmente influenciada pelas questões sociais. Quando explicada e discutida a sexualidade e qual o objetivo do projeto, eles começaram a compreender melhor, e chegaram a dizer que achavam que num projeto desse teor, iriam aprender como é que se transava, quais as posi-

ções sexuais etc. Essa concepção de sexualidade se confunde com a própria representação que as pessoas, de maneira geral, têm do conceito de sexo e sexualidade. Para Xavier (1998) “sexo e sexualidade são geralmente aceitos como sinônimos, no entanto, o sexo é relativo ao aspecto natural, biológico, da diferenciação física entre o homem e a mulher. No senso comum sexo diz respeito ao ato sexual” (Xavier, 1998). Para Chauí (1991), o alargamento da visão de sexo fez com que ele deixasse de ser encarado apenas como função natural de reprodução da espécie, como fonte de prazer e desprazer, para ser encarado como fenômeno mais global, que envolve nossa existência como um todo, dando sentidos inesperados aos gestos, palavras, afetos, sonhos, humores, erros, esquecimentos, tristezas, atividades sociais que, à primeira vista, nada têm de sexual.

Essa concepção de sexualidade, no seu aspecto amplo, norteou todas as atividades do projeto e propiciou uma análise mais global da sexualidade como algo inerente aos seres humanos. A relação de gênero (masculino e feminino) fica muito bem evidenciada nas atitudes e respostas dos participantes do projeto.

A maioria dos adolescentes têm dúvidas sobre o ato sexual. Possuem muita desinformação e também conflitos com relação a performance sexual.

As meninas ficavam um pouco constrangidas diante das perguntas, como se quisessem dizer que isso não é papel feminino. Uma das monitoras chegou a admitir que estava participando do projeto porque ocultou do pai o teor das atividades do projeto, falando que era sobre higiene. Somente assim, o pai concordou com a sua permanência no projeto. A mãe dessa monitora estava ciente, já que todos os participantes eram autorizados, por escrito, pelos pais

ou responsáveis. Numa das escolas, a preocupação das monitoras era não ficar “falada” entre os colegas e de serem taxadas de “saber tudo sobre sexo”. Uma das adolescentes do grupo relatou o fato de que uma das alunas da escola, gostaria de participar do projeto, mas a mãe não autorizou porque “isso não era coisa de menina”, evidenciando com essa frase, os limites de uma menina na sociedade.

Das atividades realizadas nas escolas pelos monitores, pudemos coletar dados significativos dos demais alunos das escolas onde o projeto fora desenvolvido. A maioria dos adolescentes têm dúvidas sobre o ato sexual. Possuem muita desinformação e também conflitos com relação a performance sexual, como, por exemplo, o tamanho do genital masculino e a influência no prazer sexual feminino; anatomia sexual e as posições sexuais etc. As perguntas mais comuns referem-se aos conflitos que o corpo adolescente causa na vida desses alunos. Essas transformações físicas e psicológicas geram muitos conflitos e dúvidas, e isso tudo apareceu com frequência nas atividades dos monitores com os demais alunos. Na adolescência ocorrem mudanças significativas em nível biológico, emocional e social. “O corpo do adolescente é uma casa ainda em construção; alguns cômodos já estão ocupados e outros ainda por

terminar. (...) É muito comum nessa idade a preocupação com a ‘normalidade’. Muitas são as dúvidas e curiosidades que, quando não respondidas geram angústias” (Suplicy et alii, 1995). Por isso, um trabalho de orientação sexual, como o que foi desenvolvido, propicia o resgate do conhecimento do corpo e a discussão da vivência da sexualidade para meninos e meninas adolescentes.

As relações de gênero, também, ficaram evidenciadas nas atividades em que

os adolescentes explicitam as vantagens de ser mulher e homem na nossa sociedade. Dentre as opiniões de vantagens de ser mulher, as adolescentes referem-se ao aspecto físico e aos aspectos emocionais relativos aos papéis de gênero. Cabe à mulher, na visão dos adolescentes, ser tímida, ser mais sonhadora, dócil e carinhosa. Os homens possuem mais vantagens do que às mulheres, podendo ser mais agressivos, atirados ao mundo público, ser mais fortes e as vantagens relacionadas ao aspecto físico salientadas foram: poder urinar em pé, não ficar grávido e não menstruar. Também podem “ficar” sem o medo de ficarem “falados”. Os modelos sociais de ser homem e mulher, como vimos nas representações dos adolescentes, são muito rígidos e os aprisionam em “fôrmas” de ser do gênero masculino e feminino.

Com relação à “primeira vez”, as meninas sonham, imaginam a “sua primeira vez” com um homem que as amem muito, que seja carinhoso, que lhe mandem flores, que tenha maturidade para assumir um compromisso. Num dos grupos, uma adolescente disse que pensava “sua primeira vez” com um rapaz chegando num cavalo branco, um verdadeiro príncipe. Já os meninos se preocupam com sua performance sexual. Querem que as meninas tenham um corpo bonito e que transem em várias posições e que, principalmente, fantasiam bastante. Os adolescentes atribuem, também, ao tamanho do pênis como fator decisivo no prazer feminino.

Percebemos claramente nessas colocações, os papéis sexuais determinados para os homens e mulheres na nossa sociedade. As meninas adolescentes podem e devem ter fantasias e sonhos mais ligados ao romantismo e comprometimento. Há uma propensão maior de sonhar com um príncipe, enquanto os

meninos fantasiam o ato sexual em si e a sua performance no ato. Saffioti (1987) diz que, lamentavelmente, inclusive para os próprios homens, a sexualidade masculina foi culturalmente genitalizada. Ou seja, “o processo histórico conduziu o

O processo histórico conduziu o homem a concentrar sua sexualidade nos órgãos genitais. A maioria dos homens nem sequer sabe que seu corpo possui muitas outras zonas erógenas.

homem a concentrar sua sexualidade nos órgãos genitais. A maioria dos homens nem sequer sabe que seu corpo possui muitas outras zonas erógenas”. (1987:19).

Outro dado que apresenta claramente os estereótipos de gênero, é a erotização da camisinha masculina. Para tal, foram realizadas dinâmicas que consistiam no seu toque e seu manuseio e, principalmente, o processo de negociação para usá-la. Nessa dinâmica, o papel feminino é fundamental para “seduzir” o parceiro para o uso. As meninas sentiam um pouco de dificuldade no início da atividade, pois não queriam admitir que sabiam manuseá-la. Há meninas no grupo que diziam sentir nojo de tocar na camisinha, já os meninos sentem-se orgulhosos de saber tocá-la e dizem que a usam com frequência. Esse é um dado contraditório, pois, se realmente eles estivessem utilizando a camisinha como forma de prevenção, não estariam aumentando os índices de contágios de doenças sexualmente transmissíveis, principalmente, a AIDS e gravidez indesejada. Acredito que a camisinha vem se desmitificando diante dessa população, mas ainda não se tornou um hábito frequente. O papel feminino é imprescindível nesse processo de negociação ou no uso da camisinha feminina. Mas, sabemos que esse ato é muito difícil para a mulher que sempre se acostumou a satisfazer os desejos

masculinos sem reivindicar, nem mesmo sequer, ter, também, o direito ao prazer. Percebemos que essas práticas vão, aos poucos, sendo discutidas e refletidas por adolescentes que serão, possivelmente, futuras mães, enfim, adultos que poderão mudar essa realidade.

Nas discussões dos adolescentes monitores com os outros alunos, percebemos que o que eles valorizam é a

O crescimento do/a adolescente não ocorre de maneira fácil, não é mais criança e ainda não é adulto, vive uma ambigüidade pessoal e, principalmente, social.

família, os amigos e o/a namorado/a. Na escala de valores, o que está em primeiro lugar são: saúde, emprego, amar e ser amado, usar camisinha nas relações sexuais. É interessante observar que os adolescentes colocam em primeiro lugar, de novo, o uso da camisinha, algo que se mostra incoerente como já explicitamos anteriormente. Percebemos que há uma contradição na representação de viver essa sexualidade, do que realmente ocorre, entre o “politicamente correto” e a vivência de práticas preventivas. Essa atitude denota a própria contradição em que os adolescentes vivem nessa fase da vida. O adolescente tem momentos nos quais se sente adulto, e outros nos quais tem vontades infantis. Esta ambivalência gera incertezas, medos e angústias. No meio de tanta turbulência emocional e mudanças corporais, ele tenta construir sua identidade (Suplicy et alii, 1995:30).

Com relação aos medos dos adolescentes, em geral, eles salientam que têm receio de pegar DST/AIDS; gravidez não desejada; infelicidade; morrer; “primeira vez” com um parceiro bruto, no caso das meninas; de encarar a vida; solidão; fim do mundo; drogas; desapontar os pais; não passar de ano; velhice e da

traição. As esperanças dos adolescentes referem-se: viver eternamente feliz; encontrar “alma gêmea”; passar de ano; um mundo melhor; que o Brasil cresça sem violência; realização de todos os objetivos. Com relação a construção da auto-estima, disseram que o que mais os afeta são as seguintes situações: brigar com o/a namorado/a; professor/a que critica o seu trabalho na frente de seus colegas; grupo de amigos não convidá-lo para um passeio; colega zombando por causa da roupa ou do cabelo e, finalmente, tirar péssimas notas na escola.

Podemos observar que todos esses conflitos são referentes à vivência da adolescência no que diz respeito à importância atribuída ao grupo, na “uniformização” de roupas, cabelos, jeitos e comportamentos semelhantes da turma, para a formação de sua identidade. O crescimento do/a adolescente não ocorre de maneira fácil, não é mais criança e ainda não é adulto, vive uma ambigüidade pessoal e, principalmente, social. Em relação à sexualidade e sua vivência, essa ambigüidade aumenta. O adolescente experimenta uma reorganização do modo de viver, descobre novas sensações e conceitos, procura se entender e se conhecer nesse novo corpo e se situar diante de novas responsabilidades sociais, como afirma Suplicy et alii (1995).

A avaliação do projeto feita pelos adolescentes monitores foi positiva, sendo que todos foram unânimes em dizer que acharam as atividades interessantes, possibilitando uma participação efetiva de todos. Os temas que mais chamaram a atenção do grupo foram: DST/AIDS, “primeira vez” e métodos anticonceptivos. Os adolescentes consideraram que deveriam ter mais apoio das escolas e dos seus professores, concorrendo para que o repasse das infor-

mações para os colegas da escola fosse mais produtivo.

2.3 - A Visão dos Pais e Mães

No início do projeto, em cada escola, era solicitada uma reunião de pais. Nessa reunião o projeto era apresentado com seus objetivos e metodologia. Esse encontro era realizado com técnicas de dinâmicas de grupo para que os pais e mães se sentissem à vontade para iniciar um diálogo sobre a sexualidade. Nessa ocasião, era solicitado que os pais, mães ou responsáveis assinassem uma autorização para que o/a filho/a participasse das atividades do projeto, tanto como monitor, quanto como participante dos repasses das informações. Alguns pais não autorizaram, alegando motivos religiosos, algo que foi respeitado. O restante dos pais que não compareciam à reunião eram solicitados, via carta, a preencherem a autorização. Em geral, a participação dos pais era pequena. Houve, porém, uma escola que superou as expectativas, tendo uma participação de 89 pais e mães presentes. De um modo geral, as mães que estavam sempre participando, reforçando, assim, o papel de educadora sexual que é reservado às mães ou responsáveis do sexo feminino ficando, então, com a incumbência de educar sexualmente seus filhos.

No decorrer do projeto, em todas as escolas, os pais não apresentaram nenhum problema em relação aos pais. Ao contrário, os mesmos alegavam que através do projeto, sentiam-se mais seguros pelo fato de seus filhos estarem discutindo tema tão importante.

Nos dias atuais, a família reivindica, cada vez mais, que a escola desen-

volva aulas ou projetos de orientação sexual, devido a fatores como: a influência da televisão, o alto índice de gravidez na adolescência e o contágio de doenças sexualmente transmissíveis. Assim, esses são motivos também alegados pelos pais e mães para que seus filhos e filhas sejam esclarecidos e reflitam sobre sua sexualidade.

Os pais e mães explicitaram a dificuldade de estabelecer um diálogo aberto e franco a respeito da sexualidade com seus filhos e filhas. Salientaram:

“Tenho dificuldade de explicitar sobre o ato sexual” (depoimento de uma mãe).

“Explicar para o menino é mais difícil, sempre foi tarefa do pai, já a menina é tarefa da mãe” (depoimento de uma mãe que se separou do marido e agora não sabe como conversar com o filho).

“As crianças já estão sabendo tudo. Quando você vai falar, elas já estão te dando aula”... (depoimento de uma mãe).

A maioria das mães salientaram que têm vergonha de conversar com os/as filhos/as. O medo repousa em, ao dar informações, levar ao incentivo da prática sexual. Ao mesmo tempo, no entanto, consideram que é importante a informação correta aos filhos. Evidenciamos, assim, um conflito que existe com pais e, principalmente, mães, em relação a como educar sexualmente seus filhos. Muitas consideram que não se sentem preparadas para tal tarefa, e

Os pais e mães explicitaram a dificuldade de estabelecer um diálogo aberto e franco a respeito da sexualidade com seus filhos e filhas.

acabam deixando que a televisão os eduque, ou mesmo acreditam que os filhos já possuem mais informações do que elas. Esse conflito da família foi muito comum nos relatos dos pais e mães que tinham os filhos participando do projeto. Essas representações são justificadas pela própria educação se-

xual que eles tiveram, quase sempre muito repressora, e repleta de culpas e medos.

As representações que a família possui de sexualidade são, em sua maioria, imbuídas de preconceitos, tabus e vergonhas de tocar em assuntos considerados tão delicados, e acaba por deixar que seus filhos e filhas tenham suas primeiras experiências amorosas e sexuais sem propiciar-lhes informações corretas e objetivas, reproduzindo assim, sua própria experiência. Assim, vale refletirmos acerca do que pensa Verardo (1990:43) sobre isso: “Mas como esperar isso de uma mãe que nunca teve nenhuma orientação sexual e exatamente por isso lida com seu próprio sexo com uma imensa carga de preconceito envolvendo-o, muitas vezes, sob a aura do pecado? A mulher que nunca teve nenhum tipo de informação sexual, que não consegue lidar com o sexo de forma natural, não vai conseguir falar naturalmente sobre ele. E não fala, esperando que outros cumpram este papel: a escola, os médicos ou mesmo as amiguinhas da filha. Cria-se uma forma de círculo vicioso”. Esse círculo fica evidente nas falas e até nas súplicas das mães quando se deparam com algumas manifestações de sexualidade de seus filhos

No final das atividades do projeto, os pais e mães dos adolescentes monitores receberam em casa uma avaliação escrita que deveriam responder. De maneira geral, a maioria respondia as avaliações. Através desse instrumento pudemos obter a opinião dos pais e mães em relação ao projeto, cujas avaliações foram boas e ótimas, sentindo uma mudança considerável no comportamento de seus filhos e filhas, e justificaram:

“Meu filho ficou mais responsável”.

“Ela ficou mais madura”.

“A minha filha está passando para os outros o que aprendeu no projeto, eu acho isso uma mudança boa”.

“Teve melhor aprendizado, suas respostas foram esclarecidas”.

“Meu filho passou a dar mais valor e se interessar pelas coisas que acontecem”.

“Minha filha ficou mais comunicativa”.

A maioria dos pais e mães entenderam, então, que o projeto teve uma avaliação positiva. Todos consideraram que o projeto deveria ter continuidade para outras crianças da escola e também que ele deveria se expandir, com a discussão de outros assuntos, como, por exemplo, o uso de drogas.

3 - Considerações Finais

Os resultados dessa pesquisa nos mostram um dado fundamental: a possibilidade efetiva de uma trabalho sistematizado de orientação sexual nas escolas.

O projeto de Orientação Sexual desenvolvido pelo Centro de Saúde Especial da Criança e do Adolescente teve uma

avaliação positiva por parte dos sujeitos envolvidos no processo. Houve uma mudança significativa no comportamento dos adolescentes monitores, devido, principalmente, à troca de informações. Os mesmos sentiam-se úteis ao repassar os conceitos e as reflexões para seus pares, pois tinham

Os resultados dessa pesquisa nos mostram um dado fundamental: a possibilidade efetiva de um trabalho sistematizado de orientação sexual nas escolas.

(principalmente suas filhas), e isso exige que elas tenham diálogo sobre o assunto.

Ao mesmo tempo que estão imbuídas de dúvidas, as mães não querem repassar a mesma educação sexual recebida para seus filhos e filhas, considerando, então, que a escola possui melhores condições de discutir o tema.

uma linguagem comum da fase da adolescência, ora vivenciada. Estabeleceu-se, então, um elo de comunicação entre os adolescentes, que, normalmente, possuem conflitos e medos.

Isso nos possibilita comprovar que a orientação sexual é um processo que deve envolver toda a sociedade. As instituições que lidam com crianças e adolescentes, como, por exemplo, escola e centro de saúde, devem, também, cumprir o seu papel de educar sexualmente de maneira formal com um trabalho de orientação sexual, como também analisar e refletir sobre as atitudes relacionadas à postura profissional diante das manifestações de sexualidade de crianças e adolescentes. Isso nos remete a outro aspecto fundamental que é o processo de capacitação contínua que os profissionais da saúde e educação deveriam receber. Somente com muita reflexão e estudo, antigas representações passam a dar lugar a novas, mais abertas com menos culpas e preconceitos.

Para que as atividades do projeto tivessem total êxito, seria necessária a participação efetiva dos educadores das respectivas escolas, o que não foi possível. Isso poderia ocorrer se, realmente, houvesse um engajamento das pessoas que dirigiam as instituições escolares, bem como dos órgãos oficiais como Secretaria de Educação. As questões da sexualidade deveriam fazer parte do Projeto Pedagógico das escolas, para que houvesse ações conjuntas para a discussão sobre a vivência da sexualidade de meninos e meninas. No entanto, vemos que muitas mudanças são necessárias, ou seja, há um caminho longo a ser percorrido, mas com esse projeto alguns passos já foram galgados, trazendo-nos a expectativa de que pode dar certo, desde que haja vontade política

para a efetivação de práticas de educação sexual.

A escola, principalmente, não pode fugir à sua responsabilidade de educar os alunos e alunas numa perspectiva abrangente, isto é, histórica, social, éti-

Isso nos possibilita comprovar que a orientação sexual é um processo que deve envolver toda a sociedade.

ca, afetiva e também sexual. Além do mais, “se a escola não tratar da questão sexual, estará transmitindo aos alunos a noção de que o assunto é mesmo um tabu, sobre o qual não se pode falar” (Suplicy et alii, 1995). A escola com parceria de outras instituições, como os centros de saúde, por exemplo, tem a função de informar e discutir assuntos que aflijam os adolescentes, mesmo porque, quando não há espaço de discussão, a sexualidade se torna fonte de agressão, exibicionismo, dificuldade de diálogo entre educadores e alunos. Esse projeto dá um testemunho, então, de que práticas de orientação sexual são possíveis, com parcerias entre instituições que atuam com crianças e adolescentes.

Um outro dado muito importante foi a parceria e aliança do projeto com a família. Os pais e mães apoiaram as atividades, alegando que o projeto, deveria ter maior duração nas escolas. Sabemos que há um “jogo de empurra” em relação à orientação sexual da família para a escola. A família não se sente preparada para tal ação, a escola, por sua vez, considera isso uma função da família. E, com isso, os adolescentes ficam a mercê de informações incorretas e sem um diálogo franco sobre algo que os afligem. Durante as atividades relatadas, apenas uma parcela mínima dos responsáveis não autorizaram a participação de seus filhos e filhas. Muitos

pais e mães, consideram, portanto, que os professores estão melhores preparados para tratar de assuntos ligados à sexualidade. No entanto, a realidade tem mostrado que isso não vem ocorrendo nas escolas.

Um outro aspecto levantado na pesquisa diz respeito ao enorme potencial dos adolescentes, como agentes de referência sobre sexualidade na escola. Mas isso não ocorreu só na escola. Muitos adolescentes relataram que na sua comunidade, reuniam irmãos, primos e colegas para repassar o que haviam estudado e refletido nas oficinas e encontros. Até mesmo no interior das famílias, abriram o diálogo com pais e mães, muitas vezes repassando o que fora discutido, funcionando como elo de informações corretas sobre o assunto.

A avaliação do projeto foi positiva por todos os atores que participaram. Os objetivos foram alcançados no que tangia propiciar um espaço aberto e rico em debates e discussões sobre a sexualidade na adolescência tanto na escola como no centro de saúde. No entanto, o projeto teve um fim, pois faltou vontade política suficiente para uma avaliação interna, com vistas a sua reestruturação. Terminaram as atividades e não foram substituídos por outras. Isso evidencia a falta de continuidade de trabalhos que estejam dando certo e atingindo o objetivo de educar e orientar sexualmente adolescentes, que em muitos casos, estão entregues à própria sorte ou, muitas vezes, sendo (des)educados sexualmente por amigos ou pela sociedade em geral.

BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, Arminda. *Adolescência normal*. 10 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- BERNARDI, Marcello. *A deseducação sexual*. São Paulo: Summus, 1985.
- BONFIM, Zulmira Áurea & ALMEIDA, Sandra F.C. de. *Representação social*. Conceituação, dimensão e funções. Revista de Psicologia. Fortaleza: v. 9, jan./dez. 1991/92.
- BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRUSCHINI, Maria Cristina A. *Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?* Caderno de Pesquisa. São Paulo: F.C.C., nº 36, fev./ 1981.
- CABRAL, Juçara Teresinha. *A sexualidade no mundo ocidental*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- CATONNÉ, Jean-Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje*. São Paulo: Cortez, 1994.
- CAVALCANTI, R. C. (ORG.). *Saúde sexual e reprodutiva*. Ensinando a ensinar. Brasília: Cesex, s/d.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual*. Essa nossa (des)conhecida. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FERNÁNDEZ, Alicia. *A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. *Educação sexual uma proposta, um desafio*. São Paulo: Aruanda, 1982.
- GUIMARÃES, Isaura. *Educação sexual na escola: mito e realidade*. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, história e educação: construção e desconstrução*. In Educação e realidade. V. 20, nº 02, jul./de., 1995.
- . *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- . (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LOYOLA, Cristina & CAVALCANTI, Mabel. *Ampliando o conceito de sexualidade*. In CAVALCANTI, Ricardo C. (org.). Saúde Sexual e Reprodutiva. Brasília: Cesex, s/d.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 3ª ed. São Paulo: EPU, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- . *Psicologia social*. Ed. Paidós, 1986. (s.l.)
- NEMGE. *Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência: guia prático para educadores*. São Paulo: USP, 1996.
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. Campinas, SP: Papirus, 1987.
- NUNES, César ap. & SILVA, Edna Ap. da. *As manifestações da sexualidade da criança*. Campinas, SP: Século XXI, 1997.
- POLIZZI, Valéria Piassa. *Depois daquela viagem*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- RIBEIRO, Marcos (org.). *Educação sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- SILVA, Ricardo de Castro e. *A orientação sexual vivida por educadores e alunos: possibilidade de mudanças*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1995.
- . *Uma responsabilidade da escola?* In RIBEIRO, Marcos (org.). Educação sexual: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. 5 ed. São Paulo: Moderna, 1987.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In Educação e Realidade, v. 20, nº 02, jul./dez., 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SPINK, Mary Jane P. *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SUPLICY, Marta et alii. *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: olho d'água, 1995.
- VERARDO, Maria Teresa. *Aborto: um direito ou um crime?* São Paulo: Moderna, 1990.
- VIEZZER, Moema. *O problema não está na mulher*. São Paulo: Cortez, 1989.
- WEREBE, Maria José. *Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?* In. BRUSCHINI, Maria Cristina A. Cad. de Pesquisa. São Paulo: F.C.C, nº36, fev./1981.
- WHITAKER, Dulce. *Mulheres e homens, o mito da desigualdade*. 7 ed. São Paulo: Moderna, 1988.
- XAVIER, Constantina F. *Educação Sexual na escola: o dito e o não-dito na relação cotidiana*. Dissertação de mestrado, UFMS: 1998.